João Sêco Carmona

Arquiteto formado pela *Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa* (2004). Especialização em *Docência e Gestão do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá* (2016). Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo PROARQ-FAU/UFRJ sob orientação da Professora Doutora Cêça Guimaraens e coorientação do Professor Doutor João Horta. joaosecocarmona@gmail.com

Resumo

O presente artigo, é parte da pesquisa da Dissertação de Mestrado intitulada "*Morfologia Urbana de Padrão Geométrico - Caso da Vila Imperial de Petrópolis 1846"*, uma análise formal dos elementos urbanos e a relação com o projeto do Palácio Imperial. Em meados do século XIX, surge também, a fotografia no Brasil tornando-se umas das paixões de D. Pedro II, o então imperador. O edifício abrigou vários programas, e em meados do século XX, veio a tornar-se um espaço museológico referente ao Brasil Imperial. Recorrendo à revisão bibliográfica e pesquisa em arquivo, este artigo mostra um estudo iconográfico elaborado sobre o Palácio Imperial e seu enquadramento urbano. Fez-se a análise de desenhos, pinturas e fotografia. Assim, a história do Palácio Imperial de Petrópolis se revelou ligada à história da fotografia no Brasil. As referências principais foram os trabalhos de Fátima Argon e Pedro Vasquez sobretudo sobre D. Pedro II, Marc Ferrez e Revert Henry Klumb.

Palavras chave: Palácio Imperial de Petrópolis, Análise iconográfica, documentação histórica.

Abstract

This article is a part of the entitled Master´s Dissertation *"Urban Morphology of Geometric Pattern – Case of the Imperial Villa of Petrópolis 1846",* a formal analysis of urban elements with connexions to the Imperial Palace. In the mid-nineteenth century, photography also emerges in Brazil, which became one of the emperor's passions. The building housed several uses and in the mid-twentieth century, it become a museum space referring to Imperial Brazil. This work shows an iconographic study about the Imperial Palace and its urban environment, the research included bibliographic review and archive inquiry. Drawings, paintings and photography analysis were made. Thus, the history of the Imperial Palace of Petrópolis proved to be linked to the history of photography in Brazil. The main references were Fátima Argon and Pedro Vasquez work, specially about D. Pedro II, Marc Ferrez e Revert Henry Klumb.

Key words: Petropolis´s Imperial Palace, Iconographic analysis, historical documentation.

A pesquisa

O tema central da pesquisa da Dissertação de Mestrado intitulada "*Morfologia Urbana de Padrão Geométrico - Caso da Vila Imperial de Petrópolis 1846*" tem a ver com a representação do urbanismo, seus elementos gráficos, e a relação entre eles. O planejamento, o projeto e a realidade construída. Leitura das condicionantes que implicaram na estruturação formal urbanística, e arquitetônica, identificada no projeto urbano *Vila Imperial de Petrópolis de 1846* e o projeto arquitetônico do *Palácio Imperial de Petrópolis* executados simultaneamente. Projeto que está na génese do centro histórico da cidade de Petrópolis, situada no Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

A execução projeto urbano, e palácio, são liderados pelo engenheiro militar *Major* Júlio Frederico Koeler cuja biografia sugere *permeabilidade* à cultura local dominante da arquitetura e urbanismo, e que está dentro da *tradição da engenharia-militar colonial*. Entretanto, sua morte precoce (1847) no desenvolvimento desta iniciativa, terá aberto espaço para o trabalho do engenheiro militar Coronel Joaquim Candido Guillobel, a quem se atribui a autoria do projeto do Palácio Imperial. No recorte temporal que condiciona o projeto, e a execução desta *Vila,* surge o ensino acadêmico da arquitetura no Rio de Janeiro via *Academia Imperial de Belas-Artes*, que poderá ter influenciado esteticamente algumas opções. Guilhobel formado em engenharia militar, foi aluno especial desta Academia onde acabou por se tornar professor.

A pesquisa é essencialmente uma análise formal sobre os elementos urbanos e a relação que o desenho do Palácio Imperial terá sobre eles. A pesquisa no presente momento demonstra consistência suficiente para considerar a existência de um raciocínio geométrico/matemático que *regula* a forma/proporção das praças pertencentes ao projeto inicial do centro de Petrópolis/RJ e que se cristaliza no Palácio Imperial de Petrópolis, onde hoje funciona o Museu Imperial de Petrópolis. O raciocínio matemático estruturante é uma *progressão geométrica* onde a constante é √2 – ver **Figura 1**.

É em torno do conceito de *regularidade*, como legado da tradição urbanística luso brasileira, que acabou por se organizar esta pesquisa. A busca pelos indícios de *regularidade*, contexto onde o "*desígnio de pré-concepção (...) existiu ou não*" (ROSSA, COELHO, *et al.*, 2002, p. 427), precisa de resultados consistentes, no nosso estudo de caso, eles são expressivos.

O estudo da regularidade morfológica urbana, torna-se mais pertinente quando se constata em um conjunto urbano *"existência de estruturas cadastrais moduladas, as quais em tese deverão surgir relacionadas com o próprio traçado e dimensionamento do espaço público".* As estruturas cadastrais deverão estruturar esse sistema urbanístico, o conjunto edificado sobre essas estruturas de coerência geométrica e indutoras de proporcionalidade, necessariamente se constatará o reflexo na arquitetura

existente, cristalizando as regras enunciadas no sistema de lotes. Essa decorrência do sistema cadastral para a arquitetura marca e caracteriza *"as invariantes daquilo a que a disciplina designa por arquitectura de programa"* (ROSSA, COELHO, *et al.*, 2002, p. 428).

A *arquitetura de programa* conforme Walter Rossa (2001, p. 848-849) é:

> *A formalização edificada dos desígnios de ordem que sempre presidem a programação, estudo e formulação de um plano [...] o estabelecimento de uma matriz geométrica com a qual se administra a distribuição do espaço e [...] o estabelecimento do sistema construtivo [...] a estrutura conceptual implícita [tem] como ponto de partida o quadrado (e consequentemente o cubo), sendo também muito frequente a sua evolução para o retângulo através do rebatimento da sua diagonal - a proporção de 1:√2*

Como metodologia de pesquisa fez-se uma recolha iconográfica, que visou esclarecer sobre os elementos estudados, na sua forma e contexto. É na observação crítica destes documentos o cerne deste texto.

A fotografia em Petrópolis.

Fátima Argon[i], no seu artigo *As imagens da cidade de Pedro: imagens imperiais,* explicita muito claramente os personagens principais no campo da fotografia em Petrópolis. No início da **década de 1850** que é promovido o primeiro evento de fotografia na localidade. O imperador contrata o suíço **Abraham Louis Buvelot e seu sócio Prat** para realizarem uma série de daguerreótipos[ii] que foram tirados em fevereiro, março e abril daquele ano [1853]. "*As imagens se perderam, restando somente sua descrição num manuscrito de D. Pedro II, conservado no Arquivo da Casa Imperial do Brasil (Museu Imperial) ".* Depois, **1858-59**, chega à cidade o fotógrafo **Victor Frond** buscando quem investisse em sua obra *Brazil Pittoresco.* Nessa permanência tirou sobretudo retratos. A cidade de Petrópolis como objeto do seu trabalho, está documentado hoje com peças de litografia[iii] dos *"originais fotográficos publicados no livro Brazil pittoresco, com a colaboração do literato Charles Ribeyrolles".*

Na **década de 1860**, a fotografia se integra ao cotidiano da cidade. Para isso contribuiu a presença da família imperial na época quente do ano, entre os meses de novembro e maio. Com isso *" atraía famílias aristocratas, políticos e veranistas para a região"*. Tem-se documentado um álbum de 14 fotos, tiradas entre março e abril de 1860, de autoria atribuída ao visconde de Santa Vitória. O álbum regista *"a família do ministro uruguaio Andrés Lamas, em vários pontos da sua residência, e também algumas cenas do Rio de Janeiro".* Nesta década frequentam a cidade "*renomados fotógrafos:* ***Theóphile Auguste Stahl*** *(1828-1877),* ***Georg Leuzinger*** *(1813-1892),* ***Arsênio Cintra da Silva*** *(1833-1883) e, principalmente,* ***Revert Henrique Klumb*** *(183?-1886) ".* Klumb tornou-se residente na cidade. Em 1875, pode ser constatada a

importância da sua produção pela exposição que este organizou de seu trabalho. Nesse evento *"mostrou pela primeira vez suas fotografias noturnas, na verdade um efeito técnico que criava a ilusão de que a fotografia fora tirada de noite".* A produção local de fotografia contava também com os profissionais **João Méier Filho**, **João Nogueira de Sousa** e **Phillip Peter Hees** (1841-1880), sendo o último o principal concorrente de Klumb. O retrato era sua atividade, no entanto, na Coleção D. Theresa Christina Maria da Biblioteca Nacional do Brasil, estão **arquivados dois álbuns intitulados Vistas de Petrópolis, registando a cidade**.

Outros profissionais surgiram entre **1870 e 1900**. **Antônio Henrique da Silva Heitor**, tem por Fatima Argon atribuída a autoria as imagens da Fazenda de Águas Claras, contrariando a atribuição a Ernest Papf, bem como a fotografia da casa da princesa Isabel, a do Palácio de Cristal e a do Palácio Imperial. (ARGON, 2005, p. 71)

Entretanto, termina a monarquia, a família imperial vai para o exílio. Petrópolis torna-se a capital do estado do Rio (1894-1902). Residência dos presidentes da República, ministros, corpo diplomático estrangeiro e sede do bispado do Rio de Janeiro, era uma das cidades mais conhecidas do país, ao que se junta a importância do seu parque industrial de então. Fátima Argon, para melhor caracterizar o local na última década do século XIX recorda as palavras de Ernest Berger:

> *Eu estou aqui instalado em Petrópolis, que com razão é apelidada como segundo paraíso. É uma cidade de vivendas, na qual as pessoas mais ricas do Rio têm a sua residência de verão, antigamente também o imperador. Encontra-se a cerca de oitocentos metros acima do nível do mar, tem clima sul-europeu e permanente primavera. Casos de febre são aqui uma coisa impossível e ainda nunca registrada (...)*

Foi no século XX que o comércio de fotos atingiu se momento alto, com *"a veiculação das imagens em cartões-postais".* **Rodolpho Haack**, as fotografava, editava e vendia no seu estabelecimento. **Frank Nietzsch** e **Domingos Kaiser** na década de 1930, *"comercializavam fotos em álbuns com imagens da cidade, especialmente para atender turistas, que representam uma grande parcela do mercado consumidor. "* (ARGON, 2005, p. 72). A cidade de Petrópolis, recebeu a primeira fábrica de equipamentos fotográficos na América do Sul, a ***Fábrica Brasileira de Artigos Fotográficos e Ótica Exata Ltda***, dos sócios **Kurt Klemperer**, **Herbert Moses** e outros.

Pedro Karp Vasquez[iv], defende que a vinda de artistas alemães para o Brasil, evidenciam a beleza natural com que a cidade de Petrópolis é caracterizada, e a forte colonização alemã que permitiu publicações Alemãs como o jornal *Nachrichten (1900-1917)*, fundado por Edmundo Hees, Felipe Bretz e Jacó Baidner, propriedade de Hees & Cia. As três primeiras décadas do século XX, até sensivelmente a Segunda Guerra Mundial, existia essa tónica favorável. Na literatura produzida pela propaganda do Brasil e

do Rio de Janeiro tanto federal, como estadual, Petrópolis era vista como a *"representante da beleza Europeia do país tropical e pela sua importância industrial"*, as publicações utilizavam sobretudo do fotógrafo **Jorge Henrique Papf**. Ele e **Otto Hees** atuaram por cerca de trinta anos (1880-1920) deixando uma expressiva produção de vistas e paisagens da cidade e retratos das famílias locais. (ARGON, 2005, p. 74)

Jorge Henrique Papf, realizou em 1898 um panorama fotográfico da cidade de Petrópolis. Foram oito chapas em sequência que abrangeram a perspectiva de 360 graus e foram da sua autoria as fotografias do *Album guia da cidade de Petrópolis* (1920) com a direção de Júlio Pompeu de Castro Albuquerque.

Otto Hees, fez duas fotografias históricas. A primeira, "o último retrato da família imperial tirado antes do exílio". A segunda, "a fotografia do grupo de negociadores do Tratado de Petrópolis, que assegurou ao Brasil a posse do Acre.

As paisagens e vistas de Petrópolis, ficaram conhecidas internacionalmente ainda no século XIX. Foi através do trabalho do fotógrafo **Marc Ferrez,** que participou na *Exposição Internacional de Amsterdã de 1883* e na *Exposição Internacional de Reuvais de 1885* e que foram documentadas por Gilberto Ferrez na sua publicação, *Um passeio a Petrópolis em companhia de Marc Ferrez* (1948), e por Guilherme Auler que publicou uma série de artigos no periódico *Tribuna de Petrópolis* nos anos 50.

A sequência *regular* de elementos urbanos

A **praça da Confluência**, antiga praça *Goblenz*, teve seu primeiro acontecimento registado em 29 de Junho de 1846, um culto católico, uma missa presidida pelo Monsenhor Caetano Bedini. Onde católicos e protestantes, juntamente com D. Pedro II, D. Teresa Cristina, Paulo Barbosa e o Major Júlio Frederico Koeler participaram (DEISTER, 1949).

Pela **imagem A**[v] reproduzida na **figura 2,** podemos ver uma cruz erguida, provavelmente onde foi realizada a primeira missa. Na **imagem B**[vi] da **figura 2**, podemos constatar que havia um arruamento que atravessaria a área de morro, entre a Avenida Koeler e a praça da Confluência. Esse elemento no projeto já não se encontra na **imagem C**[vii], por alguma razão foi desconsiderada. A **fotografia D**[viii], documenta a terraplanagem de terrenos, nesta foto sobre a praça da Liberdade, conseguimos entender a necessidade de terraplanagem para se conseguir o provável projeto inicial.

O local ganhou novo ímpeto com a construção do palácio de Cristal, em 1884, uma estrutura de ferro pré-montada. Foi encomendada pelo Conde d´Eu em uma fundição francesa e montada pelo engenheiro Eduardo Bonjean. Foi um presente para Princesa Isabel, para abrigar as tradicionais exposições

pássaros e produtos hortícolas que já aconteciam naquele local. Em 1888, foram liberados os últimos escravos da região, na presença da Princesa. Pela **fotografia E**[ix], conseguimos observar que o que restou das intensões do projeto de 1846, foi o Palácio de Cristal com seus Jardins.

A **praça da Liberdade**, antigo Largo D. Afonso. A primeira denominação foi em homenagem ao filho falecido prematuramente de D. Pedro II. A denominação seguinte, de 1888, tem a ver com o facto de foi ali onde os escravos livres iam comprar a alforria dos que permaneciam presos nas senzalas. Só em 1919, passou por uma reforma, onde foi construído um rinque de patinação, foram plantadas novas arvores e flores. Em 1923, a praça ganhou novo nome, praça Rui Barbosa, o que não foi bem aceite e mudou de novo para praça da Liberdade. Em 1964, passou por nova reforma mantendo características anteriores.

O estudo sobre iconografia exposto na **figura 3**, concluímos com exatidão a proporção da praça estudada. Comparando o projeto na **imagem A** e a foto aérea da **fotografia B**, observamos que existe uma diferença no desenho do canal, e que o espaço veio a ser caracterizado por vias que a cortavam nos seus dois eixos, sentido da atual Avenida Koeler e Rua Bragança. A **fotografia C**[x] mostra a existência de um pelourinho, que segundo noticias de jornais da época, os colonos alemães não conviviam bem com as punições que faziam aos escravos naquele local (1972).

A **praça D. Pedro II**, teve como denominação praça do Imperador no período imperial, na República passou a denominar-se praça São Pedro de Alcântara. Foi em 1920 que adquiriu a nomenclatura atual. Nos tempos iniciais da Vila Imperial os colonos, chamavam-lhe *Largo do Palácio* e *Largo da Bacia* e ainda denunciando a língua mãe, tinham os que lhe chamavam *Kaiserplatz*. Maior que atualmente, pois envolvia as ruas em volta, e até 1860 não era mais que um capinzal. A praça D. Pedro II já era desde então as duas áreas cortadas pelo rio Quitandinha e pelas vias da rua da Imperatriz. (ZANATTA)

O estudo demonstrado na **figura 4**, mostra que era previsto no projeto de 1846 uma praça única como exposta na **imagem A**. Entretanto como já descrito funcionou como duas praças dividias por um rio até meados do século XX – **Fotografia B e C**. Entretanto, com as obras levadas a cabo para erguer o obelisco (1957) a praça ganhou a conformação atual – **Fotografia D.**

A **praça Bosque do Imperador** está a nascente do palácio imperial. Binot terá organizado o jardim, para que nesse lugar surgisse um *bosque europeu* para que o Imperador pudesse ter alguma privacidade, podendo ter algum tempo de lazer. Em 1966, o perfeito Castrioto começa a remodelação da praça, iniciando o corte das arvores. Em 1970, a praça ganha a caracterização que conhecemos hoje.

Pelo estudo demonstrado na **figura 5**, não estava clara a localização desse elemento no projeto de 1846 – **Imagem A**. Observando as **Fotografias B**[xi] e **C**[xii], constatamos que existiu um cuidado projeto que devido precisamente às suas características, evolui para uma atmosfera de bosque.

A **praça Princesa Isabel**, a praça é uma homenagem à segunda filha de D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina. A princesa Isabel, a "Redentora", foi três vezes regente do Império. No centro da praça está um monumento ao Major Júlio Frederico Koeler, o grande impulsionador da Vila Imperial de Petrópolis.

A primeira parte da pesquisa exposta na **figura 6**, onde se confronta o projeto na **imagem A**[xiii] com a fotografia aérea da praça no inicio do século XX – **fotografia B**[xiv] – e os nossos dias – **fotografia C**[xv] – constatamos que embora não tenha sido definido sua forma aquando dos projetos, em tempos ela já teve conformação retangular bastante bem definida e já tardiamente, no século XX, ela mantem apenas parte da sua conformação original.

A **praça de Nassau**, atual praça Oswaldo Cruz, teve sua localização determinada ainda no projeto de 1846, embora os estudos apontem para que sua configuração atual e que a integra neste estudo tenha construído em 1934, ano de sua inauguração. A segunda parte da **figura 6**, representa as **imagens D**[xvi] e **E** [xvii] e a **fotografia F**. Constatamos que não havia uma pré-determinação da forma da praça no projeto de 1846 e que na carta militar de 1952 se constata que tem a mesma forma e dimensão que a praça da Catedral aquando da sua configuração original.

O [Palácio] Museu Imperial de Petrópolis

Conforme recorda Henrique Rabaço (1985), a região começou a ganhar protagonismo com a abertura do "caminho novo" que ligava a região de Minas Gerais com o Rio de Janeiro. Para conseguir apoio na Independência do Brasil, em 1822, d. Pedro I (1978-1834) viaja para Vila Rica em Minas Gerias. Ficou hospedado na Fazenda do Padre Correia, onde ficou a conhecer a Mata Atlântica, e em 1830, comprou na região por 20.000$000 a Fazenda do Córrego Seco com intensão de construir o Palácio da Concórdia. D. Pedro I acabaria por voltar para Portugal por razões da crise política sucessória, e não voltou. A fazenda adquirida foi herdada por seu filho, d. Pedro II (1825-1891). O jovem imperador acabou por construir no local um palácio neoclássico, construído entre 1845 e 1862, que é atualmente o Museu Imperial de Petrópolis.

Para levar a cabo essa intenção, projetou-se para o local uma vila, que teria como motor principal a implementação de uma colónia agrícola, formada sobretudo por colonos alemães (FRIDMAN, 2001) (RABAÇO, 1985). Em 16 de março de 1843, foi assinado um decreto que previa sob a orientação do major Julius Friedrich Koeler que previa a construção de um palácio, uma igreja, um cemitério e uma colônia agrícola. A cidade nasce pelo Decreto Imperial nº 155, de 16 de março de 1843, prosperando tanto que em 1859, é elevada a cidade.

Embora sob a administração inicial do major Koeler[xviii], trabalharam sobre o projeto do Palácio Imperial de Petrópolis o engenheiro militar coronel Joaquim Cândido Guillobel[xix] e como construtor José Maria Jacinto Rebelo, que na altura estavam vinculados à Academia Imperial de Belas Artes. Como atesta a carta do então mordomo da Casa Imperial (MIP, 1941, p. 205):

> *Ilmo. Sr.*
> *Tendo sido presente a Sua Majestade o Imperador os bons serviços por V. S. prestados com o mais louvável zelo, dedicação e desinteresse na direção dos trabalhos da construção e embelezamento do Palácio de Petrópolis, formulando as plantas e modelos com os mais minuciosos detalhes, facilitando aos operários a execução das obras e finalmente empregando com toda a assiduidade o seu tempo e reconhecido talento a bem dos interesses da Casa Imperial durante a sua residência naquele lugar: de ordem de Sua Majestade e em Seu Imperial Nome, agradeço a V. S. tão distintos e desinteressados serviços.*
> *Deus guarde a V. Sa. Paço, em 22 de junho de 1854.*
> *José M^{a}. Velho da Silva.*
> *Il^{mo}. sr. coronel Joaquim Cândido Guilhobel*

A decoração teve a colaboração de Manuel Araújo Porto Alegre. Em 1850, o jardim foi executado por Jean-Batiste Binot conforme projetos a ele enviados (MIP, 1941, p. 212).

D. Pedro II passou a utilizar o palácio como residência de verão, como prática de vilegiatura, embora comum fosse o imperador despachar nesse período. A aristocracia do império adoptou costume parecido e esse hábito passou para os presidentes e políticos da Republica (AMBROZIO, 2008).

Em 1889, com a proclamação da República e o banimento da família imperial, exilada na Europa, o edifício ganha novos programas. Entre 1893 e 1908, a princesa Isabel aluga o Palácio de Petrópolis para o *Educandário Notre Dame de Sion*. Entre 1909 e 1939, funcionou no edifício o *Colégio São Vicente de Paulo* (LACOMBE, 2007).

Foi um estudante do Colégio São Vicente de Paulo, Alcindo de Azevedo Sodré que veio a tornar-se o primeiro diretor do Museu Imperial de Petrópolis, criado pelo presidente Getúlio Vargas em 29 de março de 1940, pelo Decreto-Lei nº 2.096. Sodré e sua equipe técnica, estudaram o edifico, e começaram a recolher peças pertencentes à família imperial em diferentes locais, para conseguir retratar o dia a dia da dinastia dos Braganças – esse era o propósito do recém-criado Museu Imperial de Petrópolis (LACOMBE, 2007).

Em 16 de março de 1943, e com um acervo significativo, foi inaugurado o museu, que desde então tem vindo organizar um acervo de mais de 300 mil itens que estão expostos no seu espaço museológico ou arquivados no seu arquivo, com enfoque no período do Brasil Imperial (MIP, 2015).

A análise da documentação iconográfica relativamente ao edifício que hoje abriga o Museu Imperial está apresentada nas **figuras 7 e 8**. Seguindo na ordem com que as informações são apresentadas, e analisando as **imagens A e B** e em sequência a **fotografia aérea C**, concluímos que a implantação do Palácio Imperial de Petrópolis está sobre um elemento gráfico que sugere o seu posicionamento, mas não determina a sua conformação. A análise das **imagens D[xx] e E[xxi]**, desenhos *à mão livre* da fachada principal do Palácio Imperial, mostram o edifico na conformação que conhecemos hoje, com o detalhe de ter escadarias na ala direita pela altura da quinto vão (contando da esquerda para a direita) foi um elemento reminiscente da época em que o edifício tinha apenas aquela ala e que segundo relatório transcrito no Anuário do Museu Imperial, essa porta e escadaria teriam realmente sido retiradas: "acrescendo ter já a escada de cantaria assentada na fachada do fundo a porta de serviço que foi mudada do outro lado, da frente da ala direita para regular simetria do edifício convertendo-se aquela antiga porta em janela" (1941, p. 213). Importante também a informação vinculada por Lacombe que no processo da construção do corpo central do edifício e ala esquerda, porventura segundo critérios de Guillobel, a ala direita teve também que ser ampliada para que não ficasse mais estreita que a nova ala. No momento desta pesquisa não conseguimos levantar, quando seria afinal essa diferença, apenas que: *"o corredor da "ala pobre"* [ala direita] *media 1,85m de largura, enquanto que o da ala esquerda mede 2,37m"* (LACOMBE, 2007, p. 39). Entrando já no mérito da fotografia e analisando a **fotografia F[xxii]** (1858) e **G[xxiii]** (1860-70), sendo estes exemplares os mais antigos e por isso próximos da construção inicial do palácio, concluímos que a forma documentada é essencialmente a que temos hoje, excetuando a varanda coberta que ainda não existe no topo da ala direita. Elemento que só foi adicionando a meio do século XX, em uma derradeira intervenção *simetrizadora* do edifício. A análise dos desenhos da **figura 8**, nos permitem colocar a hipótese de que estamos observando projetos anteriores ao efetivamente construído. A análise do **desenho A[xxiv]**, verificamos essencialmente um edifício longo, simétrico, e de corpo central menos expressivo. As escadarias "secundárias" no quinto vão contando a partir das extremidades, permite identificar semelhanças com o documentado nas **imagens D e E** da **figura 7**. A **imagem B[xxv]**, que nos remete para um objeto arquitetônico que visualmente se assemelha ao que identificamos como Palácio Imperial, tem a característica de permitir uma reconstituição das suas proporções, diferentes das construídas, mas similares à implantação primitiva do palácio na *Planta da Vila Imperial de Petrópolis de 1846*.

Considerações Finais

O momento do projeto, anos quarenta do oitocentos, nos obriga a alargar o espectro da documentação, e por isso entendemos necessário alargar o estudo dentro do campo iconográfico para o desenho, pintura e fotografia. A fotografia nos fornece documentos incrivelmente fiáveis para nosso estudo, é informação pura sobre forma. O desenho, nos deixa entre o que teria sido e o desejo do que tivesse sido. O desenho nos obriga a fazer confirmações, leituras cruzadas com outros desenhos, com textos, e enfim, com a fotografia. O ato de desenhar, pode ser algo intuitivo, sem suporte, à mercê de vários fatores onde se incluiu a destreza e intencionalidade do desenhista e por isso de exatidão formal questionável. No entanto, o desenho pode ganhar mais rigor, nomeadamente com o uso de ferramentas e técnicas de desenho. A análise do objeto principal deste estudo, o edifício do Museu Imperial de Petrópolis, nos obrigou a estudar os seus primitivos registos gráficos. Estes registos estão na sua provável Implantação, na Planta da *Vila Imperial de Petrópolis de 1846*, projeto onde sua presença era fundamental. A implantação do edifício atual, sobre o elemento gráfico da planta referida, nos sugeria que era ali, sobre uma forma retangular longa e única, discrepâncias entre o registo primário, e a nossa sobreposição da implantação conforme a entendemos hoje, apontaria que aquela forma determinaria onde e não como.

O estudo mais aprofundando sobre a iconografia, sobretudo com desenhos que respeitam técnicas como a perspectiva e seus pontos de fuga, nos permite colocar a hipótese que o simples retângulo da planta primitiva representaria sim a implantação rigorosa do edifício. A informação ganhou consistência quando um desenho dialogou com o outro, e depois quando os textos de época descrevem nuances do processo evolutivo do construído, quando a ala esquerda precisou ser alargada para atender o restante (novo) edifício. A fotografia como documento permitiu a constatação, por ventura terá sido através da sua observação, que se interviu e consolidou o edifício para a traça atual do Museu Imperial de Petrópolis, afinal o projeto original não se tem. Com uma análise iconográfica de maior profundidade sobre o objeto arquitetônico Museu Imperial de Petrópolis e seu entorno, com o confronto entre desenho e fotografia, permitiu-nos levantar uma hipótese. A existência de um projeto primitivo, pelo qual a ala direita do palácio estaria de acordo, e por isso teve que ser adequada para o projeto do edifício atual. Uma interpretação do projeto primitivo que derivou em uma concepção matemática/geométrica terá regulado a forma não especificada dos elementos urbanos dos projetos de 1846. O coronel Joaquim Candido Guillobel, projetista do Palácio Imperial de Petrópolis edifício do atual Museu se mostra personagem chave para o entendimento do discurso formal evidenciado neste estudo. Guillobel provavelmente terá sido o mentor do raciocínio explorado nos decorrentes elementos urbanos executados em sequência: praça Bosque do Imperador, praça Princesa Isabel, e praça de Nassau – elementos de desenho não especificado nos projetos de 1846.

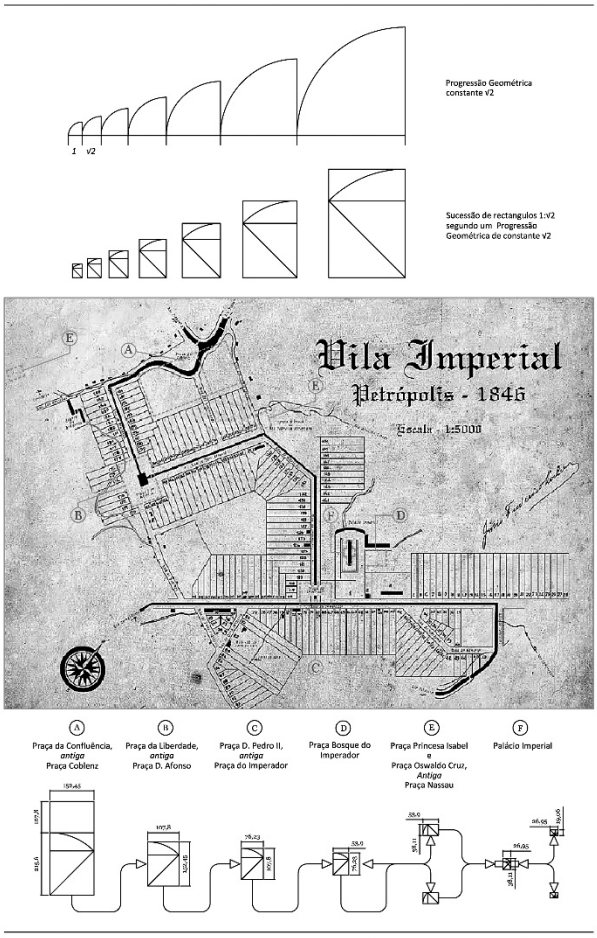

Figura 1. Noção de Progressão Geométrica; Localização dos elementos urbanos no projeto urbano "Vila Imperial de Petrópolis de 1846"; Simplificação do sistema regulador inferido da análise formal.

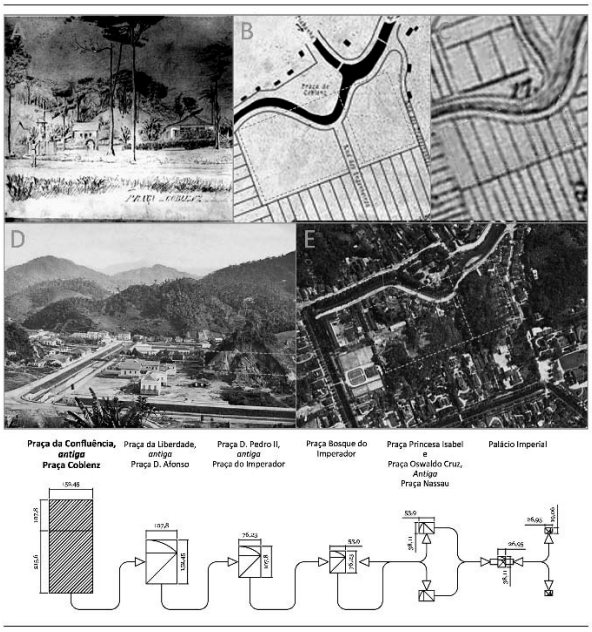

Figura 2. Estudo Iconográfico sobre a praça da Confluência; Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

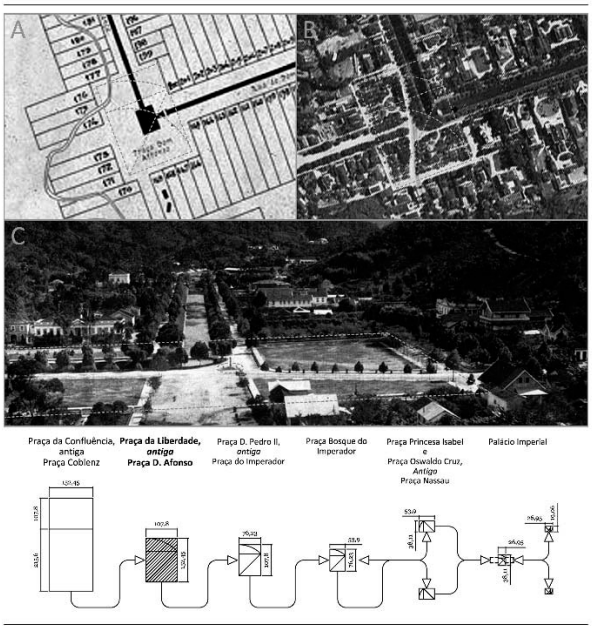

Figura 3. Estudo Iconográfico sobre a praça da Liberdade; Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

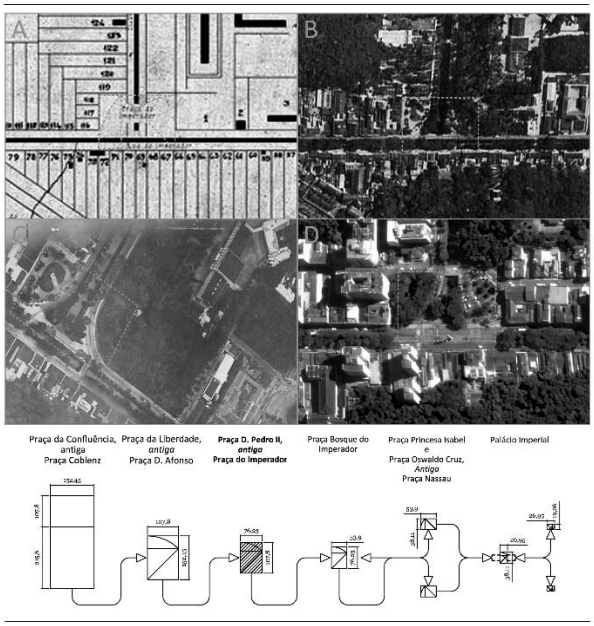

Figura 4. Estudo Iconográfico sobre a praça da D. Pedro II; Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

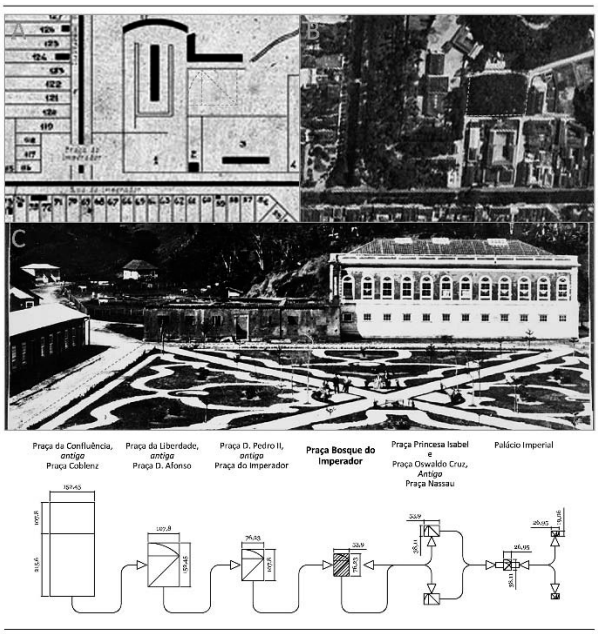

Figura 5. Estudo Iconográfico sobre a praça Bosque do Imperador; Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

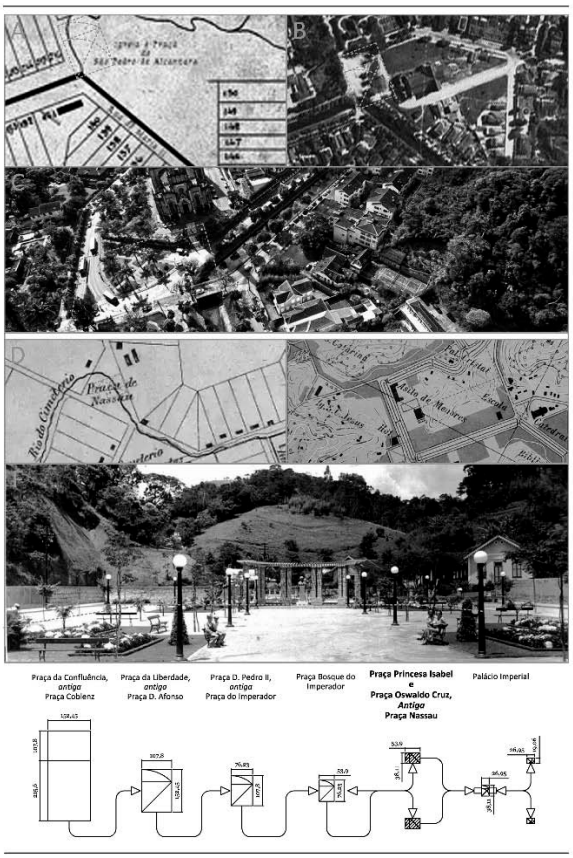

Figura 6. Estudo Iconográfico sobre a praça da Princesa Isabel e praça Oswaldo Cruz; Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

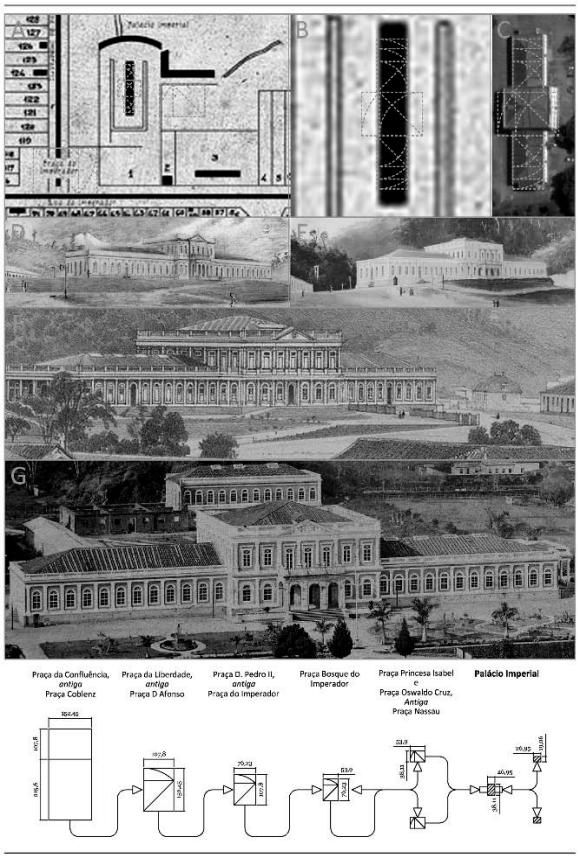

Figura 7. Estudo Iconográfico sobre o Palácio Imperial de Petrópolis;
Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

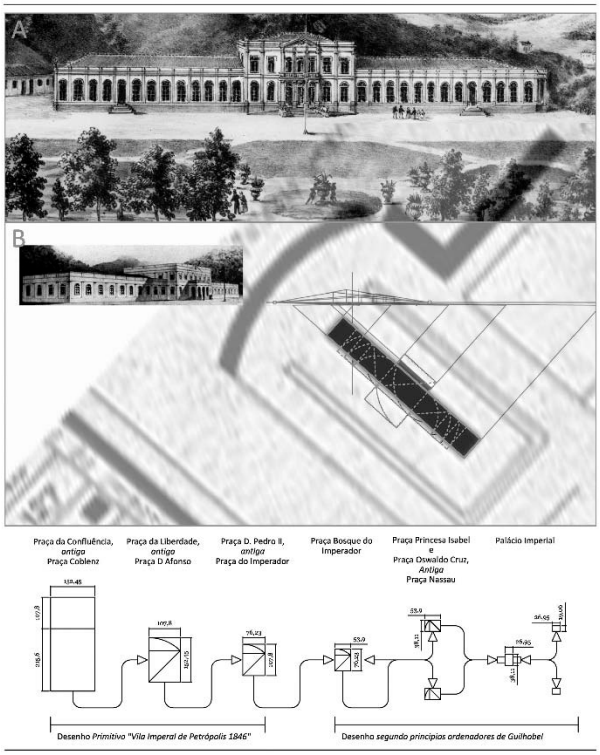

Figura 8. Estudo Iconográfico sobre possíveis projetos para Palácio Imperial de Petrópolis;
Localização do elemento urbano sobre o sistema regulador simplificado inferido da análise formal.

Bibliografia

Jornal de Petrópolis, 24 dez. 1972.

AMBROZIO, J. **O Presente e o Passado no Processo Urbano da Cidade de Petrópolis**. São Paulo: [s.n.], v. I, 2008.

ARGON, M. D. F. M. As imagens da cidade de Pedro: imagens imperiais. **Nossa História**, São Paulo, 21, Julho 2005. 70-74.

DEISTER, J. C. Primeira Missa em Petrópolis. **Revista Ação**, Junho 1949. 132-134.

FERREZ, G. **Um passeio a Petrópolis em companhia do fotógrafo Marc Ferrez**. Separata do Anuário do Museu Imperial - 1948. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1951.

FRIDMAN, F. **De núcleos coloniais a vilas e cidades:** Nova Friburgo e Petrópolis. IV Congresso Brasieliro de História Economica. São Paulo: FEA/USP. 2001. p. 610-623.

KLUMB, R. H. Doze horas em diligência. In: _____ **Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora**. [S.l.]: Pereira Braga, 1872.

LACOMBE, L. L. **Biografia de um palácio**. Petrópolis: Museu Imperial, 2007. ISBN 9788587222053.

MIP. **Anuário do Museu Imperial**. 1ª. ed. Petrópolis: Museu Imperial de Petrópolis, v. 2, 1941.

MIP. História do Museu Imperial. **Museu Imperial de Petrópolis**, 2015. Disponivel em: <http://www.museuimperial.gov.br/historico-personagens.html>. Acesso em: 23 ago. 2016.

MUSEU IMPERIAL. Viagem Pitoresca a Petrópolis. In: TAUNAY, C. A. **Cidade de Petrópolis - Reedição de Quatro Obras Raras**. 1ª. ed. Petrópolis: Artes Gráficas Uruguay S.A., v. I, 1957. Cap. 1.

RABAÇO, H. J. **História de Petrópolis**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1985. 140 p.

ROSSA, W. **DiverCidade - urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade**. Coimbra: FCTUC, 2001.

ROSSA, W. et al. Recenciando as Invariantes. Alinhamento de Alguns Casos de Morfologia Urbana de Padrão Geométrico. In: ROSSA, W. **A urbe e o traço. Uma década de estudos sobre o urbanismo português.** Coimbra: Almedina, 2002. p. 425-443. ISBN 972-40-1798-2.

VASQUEZ, P. K. **D. Pedro II e a Fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1985.

VASQUEZ, P. K. **Revert Henrique Klumb**. Rio de Janeiro: Capivara, 2001.

VASQUEZ, P. K. **O Brasil na Fotografia Oitocentista**. [S.l.]: Metalivros, 2003.

ZANATTA, Á. **Histórias e Lendas das ruas de Petrópolis**. [S.l.]: [s.n.].

Notas

---

[i] **Fátima Argon**, é responsável pelo Arquivo Histórico do Museu Imperial, Presidente do Instituto Histórico de Petrópolis e organizadora do projeto A fotografia em Petrópolis 1851-1960. Neste projeto mapeou-se a produção fotográfica da cidade, recuperaram-se arquivos, recolheram-se e sistematizaram-se informações sobre fotografia e identificaram-se profissionais atuantes em Petrópolis no século XIX e XX – A iconografia usada nesta pesquisa foi gentilmente cedida por esta pesquisadora.

[ii] **Daguerreótipo**, é umaimagem produzida pelo processo positivo criado pelo francês Louis-Jacques-Mandé-Daguerre (1787-1851). Imagem formada sobre uma fina camada de prata polida, aplicada sobre uma placa de cobre e

sensibilizada em vapor de iodo, apresentada em luxuosos estojos decorados, eram inicialmente em madeira revestida a couro e, posteriormente, em baquelite – com passe-partout de metal dourado em torno da imagem e a outra face interna dotada de elegante forro de veludo. (VASQUEZ, 1985)

[iii] **Litografia**, é um processo de reprodução. Consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um desenho executado com tinta graxenta sobre uma superfície calcária ou uma placa metálica.

[iv] **Pedro Karp Vasquez** é formado em Cinema pela Université de la Sorbone e Mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense, é autor de diversos livros oitocentistas sobretudo dentro do panorama brasileiro. Foi diretor da INFoto (Instituto Nacional da Funarte).

[v] Otto Reimarus, desenho a lápis, 1854 – Fonte: Arquivo do Museu Imperial

[vi] Júlio Frederico Koeler, projeto "Vila Imperial de Petrópolis de 1846" – Fonte: Companhia Imobiliária de Petrópolis

[vii] Otto Reimarus, levantamento "Planta da Imperial Colônia de Petrópolis reduzida para guia dos visitantes", 1854 – Fonte: Arquivo do Museu Imperial.

[viii] Revert Henrique Klumb "Rua D. Afonso e Rua Bragança", 1865 – Fonte: Instituo Moreira Sales

[ix] Autor Desconhecido – Foto aérea dos anos 20 do séc. XX – Fonte: Arquivo do Museu Imperial

[x] Autor Desconhecido, segunda metade do séc. XIX – Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial

[xi] Detalhe sobre a área do Palácio Imperial e a praça Bosque do Imperador. Foto aérea dos Anos 20 do séc XX – Fonte: Arquivo do Museu Imperial.

[xii] Autor Desconhecido, ano provável 1862 – Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial

[xiii] Detalhe sobre espaço reservado para "Igreja e praça em nome de São Pedro de Alcântara" – projeto "Vila Imperial de Petrópolis de 1846" – Fonte: Companhia Imobiliária de Petrópolis

[xiv] Detalhe sobre a Catedral São Pedro de Alcântara e praça Princesa Isabel – Foto aérea do inicio do século XX – Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial

[xv] Foto aérea – Fonte: Drone Imperial

[xvi] Detalhe sobre espaço reservado para "Praça de Nassau" – projeto "Vila Imperial de Petrópolis de 1846" – Fonte: Companhia Imobiliária de Petrópolis

[xvii] Detalhe sobre carta militar de 1952 mostrando a localização da praça Princesa Isabel e praça Oswaldo Cruz – Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial

[xviii] Koeler veio a falecer em 1847, a construção do palácio foi de 1845 a 1862, sua influência terá sido então nos primeiros dois anos.

[xix] Em 1855, um ano após a "carta de agradecimento", Guillobel torna-se professor honorário de ciências acessórias na cadeira de matemáticas aplicadas da Academia Imperial de Belas Artes.

[xx] Palácio Imperial – Otto Reimarus, desenho a lápis, 17/03/1854, 21,0 x 28,0 cm – Fonte: Museu Imperial de Petrópolis.

[xxi] Palácio Imperial – Obra atribuída a Frederick Hagedorn. Aquarela sem data (cerca de 1854), assinatura ilegível - Imagem foi extraída da obra: FERREZ, Gilberto. Iconografia Petropolitana. Petrópolis, Museu Imperial, 1955 - o original pertence à Coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

[xxii] Palácio Imperial – Victor Frond, litografia, 1858 – Fonte: Biblioteca Nacional

[xxiii] Palácio Imperial – Pedro Hees, 1860-70 – Fonte: Biblioteca Nacional.

[xxiv] Palácio Imperial – Menezes & Ca., litografia, sem data, 28,2 x 40,5 cm. Editor A. J. Ferreira da Silva, rua da Quitanda nº 190.